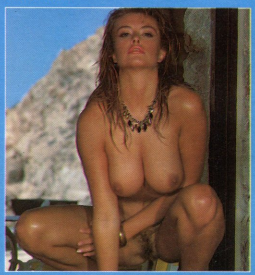
PRIVATE
A MAIS COMPLETA RE PAÍS.
REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 106
CR$ 430,00
CORREIO
CENTENAS DE PROPOSTAS À SUA DISPOSIÇÃO. FAÇA SUA ESCOLHA E VIVA MOMENTOS GRATIFICANTES
DIÁRIO
EXTASIE-SE COM AS INCRÍVEIS HISTÓRIAS DE SEXO VIVIDAS PELOS LEITORES
CLOSE
AS FOTOS ENVIADAS ESTÃO CADA VEZ MAIS ATREVIDAS. CONFIRA
DELIRANTE
ALISON, LILIANE E NATASCHA, AS GATAS DO MÊS
PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

Alison



4, 33, 38 QUENTES
As garotas da Private são de apaixonar corações

8 DIÁRIO SEXUAL
Histórias de amor, sexo e prazer, contadas com muita malícia

16 TRIBUNA DO LEITOR
Sempre que precisar, use este cantinho. Ele é todo seu

23 CORREIO CONFIDENCIAL
Nesta seção, uma grande variedade de propostas para sexo

43 LEITORES EM CLOSE
Pouco ou bem-dotado, a escolha é sua. As fotos vão auxiliá-lo

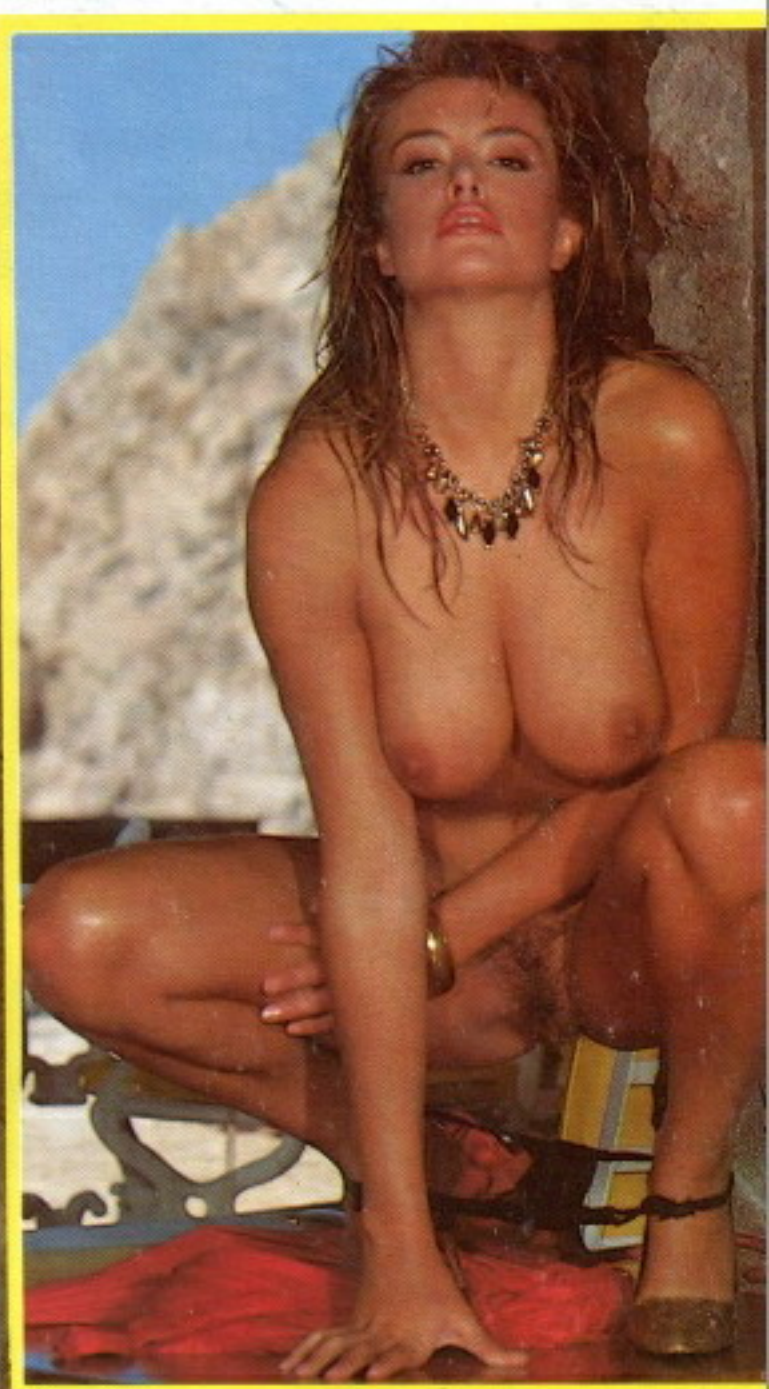
1993 NOVEMBRO
REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 106

Liliane

Natascha

ALISON

Apesar de nada dizer, seu corpo grita todo o prazer cotido em suas carnes lúbricas



diário sexual

o espaço da transa inesquecível

BOCETAS: DEIXE-AS SE FOR CAPAZ!

Em 1989, vivi uma das fases mais importantes da minha vida sexual. Foi quando conheci uma pernambucana que quase me levou à loucura, tamanha era sua sede de sexo. Cirlene, tinha 29 anos, era morena-clara, simpática e muito educada. Adorava o mar, praia... Morava em uma república, num total de dez moças, dentre elas Isabel.

Na primeira vez que encontrei Cirlene, fomos tomar chope num barzinho, quando me contou que era separada do marido. Mesmo assim, minutos depois, deu-me um fora já dentro do motel, dizendo que precisava me conhecer melhor e coisa e tal. Passados 15 dias, numa sexta-feira à noite, apanhei Cirlene e descemos a Imigrantes rumo à praia de Itararé, na Baixada Santista, onde tudo realmente começou.

Estávamos com água até a cintura, na praia, quando coloquei Cirlene de costas e meti meu caralho de 22 centímetros até os culhões pesados encostarem nas nádegas. Revelando-se uma grande e experiente trepadeira, no balanço das ondas o cacete ia encaixando-se cada vez mais na gostosa boceta da gata. A água morna batia deliciosamente no meu sacão, cheio de espermatozóides doidinhos para saírem.

— Castiga, rapaz, lasca a vara na perseguida... ochem! Boceta foi feita pra levar vara de homem igual a você! — proferia.

Às vezes, passavam pessoas a apenas uns 50 metros, mas ela não ligava. E continuava, agora já com o pau atolado na xana:

— Enfia esse tarugo todo, Décio, que tô acostumada a levar pirocona! Quero gozar na água pela primeira vez! Ai, ai, ai... moreno...

isto... eta fumo gostoso... to goza...a...ando...!

Naquela noite, gozamos juntos várias vezes, ora dentro da água, ora no carro. A cada gozada que dávamos, mergulhávamos em seguida, grudados. Eu podia sentir as golfadas de porra voando no útero de Cirlene. Quando nos preparávamos para sair da água, notei vários carros parados — todo mundo metendo! Num fusca estacionado mais próximo, uma menina loira chupava o caralho de um negro preto. Mais adiante, num monza vermelho,

vi, através do vidro, uma japonesinha subindo e descendo, provavelmente sentada no pau de um homem que não se conseguia ver. Meu pau endureceu novamente, e eu comi Cirlene mais uma vezantes de subirmos a serra, à meia noite.

Já namorava e comia Cirlene há meses. Já estava viciado na sua boceta. Certo dia, marcamos um encontro e, por ter-me atrasado só um pouquinho, ela não me esperou. Resolvi aguardá-la em frente à sua casa, para dar-lhe uma bronca.

Ouvia música dentro do carro, meio sonolento, quando uma voz despertou-me

— Hei, você não é o namorado da Cirlene? Eu sou a Celi, sua irmã. Tô esperando ela chegar!

Minha cunhadinha tinha 19 anos, cabelos pretos e longos; era branca e baixinha, mas muito mais bonita que a irmã. Logo, ficamos amigos. Celi sentou-se ao meu lado e, como usava minissaia, notei os pelinhos de suas coxas. Disfarcei, e ela não notou minha excitação. Meia hora de papo, Cirlene chegou e acabei deixando a bronca pra lá.

Tempos depois, consegui uma aproximação maior com Celi, ao cruzarmos um pelo outro, no mercado. E bolei um plano que deu certo. Disse-lhe que Cirlene estava esperando-me na casa de uns parentes, em Santos, e eu havia subido a serra para apanhar uns trecos que esquecemos. A cunhadinha acreditou e aceitou o convite para descer comigo à praia. Bem maquiada e perfumada, quando cruzava as pernas eu ficava louco de vontade fodê-la. Em Cubatão, ela percebeu meu jogo, mas não se zangou:

— Safadinho, é tudo mentirinha, não é?! Você me pegou! Mas tudo bem, você é meu cunhado e, além disso, é bom conhecer a Baixada! Legal!

Celi era esperta, mas não desisti de comê-la. Levei-a a vários lugares; comemos, bebemos e dançamos numa discoteca no Guarujá. Quando ela estava no ponto, levei-a até meu lugar favorito, para o abate, como fiz com Cirlene, e outras. Ali, naquele local, dentro dos carros estacionados perto das barraquinhas, os namorados ficam cada um na sua. A praia de Itararé, à noite, só presta para transar. Celi havia bebido algumas caipirinhas e dormia com o bumbum pra cima. Como não esboçou nenhuma reação, quando passei a mão nas suas coxas, suspendi a saia, deitei com o rosto nas nádegas e enfiei a língua no ânus e na bocetinha, tudo peludinho e cheiroso.

— Não, Décio, não... minha irmã... oh, não... não... não... eu vou gozar... não... tô gozando... conti...nu...a...aaa! — exclamou baixinho.

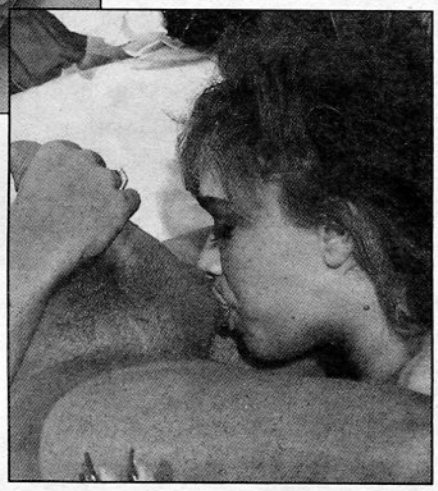
Depois que gozou, Celi mamou meu pau com seus lábios aveludados. Lambia o saco, pegava as bolas nas mãos, modiscava a cabeçorra e dava tapinhas em volta com a língua. E não deu outra: gozei gostoso na boquinha da gata., que engasgou e logo cuspiu toda a porra no carpete do carro. Beijamo-nos e ficamos apreciando o movimento nos carros vizinhos, batendo papo. À nossa esquerda, dentro de um gol, um gordão enrabava uma moça negra, que nos olhava e sorria. Do outro lado, uma morena-jambo "agonizava" ao ser fodida por um homem de cabelos avermelhados. Entusiasmada com as cenas que assistia, Celi abaixou o banco e disse melosamente:

— Eu também quero na xana... me fode, Décio... mete tudo na minha xoxota molhada!

Fodi a cunhadinha duas vezes. Ela gozou tanto, que seu líquido melava meu saco e escorria por minhas coxas.

— Eu te amo, Décio, largue da minha irmã e case comigo! Gozei muito, amor... agora vamos embora que já é tarde!

Fiquei muito feliz, ao ver que a garota caiu direitinho na minha. Mas nunca mais trasamos. Marquei vários encontros, mas ela sumiu. Tive de contentar-me com a velha bocetona da Cirlene. E foi por isso que arrumei emprego, como minha secretária, para Isabel, uma nordestina branca,



magrinha, de estatura média, nem linda nem feia. Foi a moça que me deu mais canseira, pois não queria dar para mim, se eu não terminasse com a Cirlene. Fiquei puto! Mas, para como queria muito comê-la, fiquei 15 dias sem procurar Cirlene. Então, Bel resolveu ceder. Foi no final de expediente de uma sexta-feira, na minha sala, que ela disse, taxativa:

— Me leva para dormir com você, hoje!

Chegamos à suíte às 22 horas. Isabel, só de calcinha preta,

entrando no rego. Eu, nu, de picão duro (22x6cm), inchado, a cabeçorra parecendo um chapelão! Fizemos um gostoso e prolongado "69". A garota pressionava a boceta na minha cara e, depudoradamente, falava:

— Me come, porra, me chupa, filho da puta, morde o grelo, isso... seu caralhão...!

Isabel passou a me chupar o cu e o pau, ao mesmo tempo. Comecei a gozar na cara da gatinha, que lambeu toda a porra. Gozei tanto, que senti tontura. Descansamos um pouco, no chuveiro, aos beijos e abraços. De repente, ela ficou de quatro e sentenciou:

— Coma meu rabo, cara! Enfia sem dó na bunda! Quero ser fodida no cu! Ai, tá entrando, ai, painho... entrou tudo... ai, amor, já dei o rabo pra muita gente, mas a sua rola é gostosa demais! Vou gozar... me fode... me rasga... arromba minhas pregas, caralhudo!

Por um bom tempo, comi Isabel. Muitas vezes chegávamos mais cedo ao escritório, só para ela escovar os dentes no meu cacete.

Depois ela mudou-se para o Estado de Pernambuco e não mais nos encontramos. Cirlene continua em São Paulo e, de vez em quando, damos uma trepada gostosa, para matar a saudade dos velhos tempos.

Décio Cássio, São Paulo, SP.

JAVIL E O CASAL

A estória que vou relatar, aconteceu comigo e um casal que conheci pessoalmente em junho de 1991. Chamarei este casal de Gerson e Ilza.

Após a publicação de um anúncio na Private especial número 6, recebi muitas cartas, entre elas a deste maravilhoso casal. Eles eram iniciantes. Para mim isso foi maravilhoso, como se fosse transar com uma virgem e fiquei ansioso.

Telefonei algumas vezes para Gerson. Ilza também ligou-me e finalmente marcamos o encontro em São Lourenço (MG), em frente ao Parque das Águas, às 14hs. Quase que a zebra pintou: eu não quis ir de carro próprio, achei mais viável ir de carona com um amigo, pois lá eu andaria no carro do casal. Acabei chegando em São Lourenço às 16hs. Muito preocupado, dirigi-me para o local combinado à procura do carro cuja placa eu já sabia. O local estava superlotado, dificultando encontrá-los. Quando avistei o carro, senti-me seguro. No mesmo instante o casal apareceu como num toque mágico. Nós nos apresentamos, conversamos um pouco e fomos para uma lanchonete. Após uma cervejinha e um bate-papo, resolvemos ir para a cidade de Varginha, pois os hotéis de São Lourenço estavam todos

lotados. Chegando lá, procuramos um bom hotel e nos hospedamos em apartamentos separados. Tomamos banho e saímos para uma volta na cidade. Ilza estava muito tensa, precisava descontrair um pouco.

Às 22h voltamos para o hotel e Gerson me pediu para ir à sua suíte após 20 minutos. Assim fiz. Vencido o tempo bati na porta e Gerson abriu. Notei que estava um tanto nervoso e também ansioso. Conversamos um pouco e ele me recomendou que fosse muito carinhoso com ela, pois era a sua primeira experiência. Gerson ficou na saleta da suíte e eu fui para o quarto. Ela estava deitada, trajando um baby-doll preto transparente, dando um contraste maravilhoso, pois era muito clara. Iniciei um ritual de carícias com bastante classe e delicadamente, deixando-a bem descontraída. Comecei a despi-la com bastante calma e acariciando centímetro por centímentro aqueles maravilhosos seios. Coloquei um por um na boca e mamei igual a um bezerro faminto. Em seguida tirei a sua calcinha e abocanhei de vez aquela maravilhosa xota toda molhada de tanto tesão. Chupei-a com muita volúpia. Virei-a de bruços, e mordi suas nádegas carnudas e deliciosas. Eu não sabia onde mais colocava a boca naquele corpo sedutor, Ilza era gostosa demais. Feliz é Gerson que a tem a todo momento.

Após esta excelente preliminar, iniciei a penetração com muito cuidado para não machucá-la, pois tenho um membro razoável. Acho que foi por isso que Gerson recomendou que eu fosse carinhoso com ela. Afinal, ele já me conhecia pela revista. Ela estava tão sedenta que não foi difícil penetrá-la bem fundo. Aquela xota parecia um vulcão em chamas. Brincamos por muito tempo. Colocava, tirava, chupava, mamava, e ela sempre naquela fúria tremenda. Parecia mais uma gata no cio do que uma inexperiente. Em dado momento, falei com ela que fosse até a saleta e chamasse Gerson para compartilhar conosco aquela

mara-vilhosa festa. Assim foi feito. Gerson entrou, pegou a máquina fotográfica e nos fotografou em vários ângulos. Uma das fotos é esta que vocvês estão vendo ilustrando este relato. A partir daí, Ilza passou a ser amada por dois de uma só vez, eu e seu querido esposo. Amamos em várias posições e por muito tempo, até que explodimos em gozo total. Tomamos banho, conversamos mais um pouco e nos despedimos, ficando a promessa de nos encontrarmos mais vezes. Foi muito gratificante este encontro, maravilhoso. Deixo aqui meu recado: Gerson e Ilza, quando quiserem repetir, é só telefonar-me. Se tiver algum casal casado, inexperiente, que queira ser iniciado com muito respeito e sigilo, pode escrever-me. Mande foto na primeira carta para avaliação. Prometo devolvê-la.

Javil, Caixa Postal 342, Vargina, MG, CEP 37100.

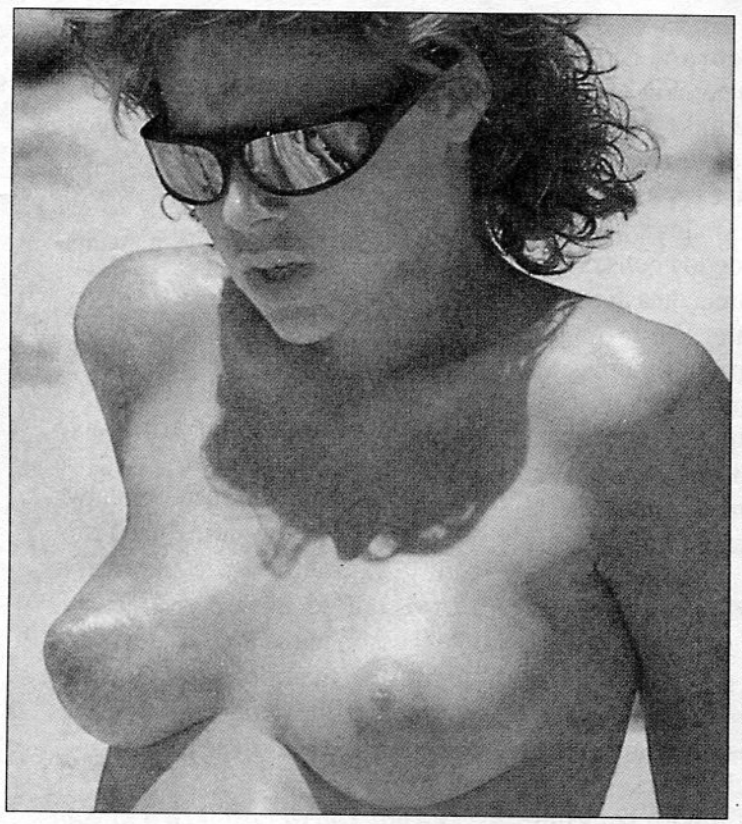
SE VOCÊ TEM, MOSTRE.

No último domingo, após uma dura semana de trabalho, decidi ir sozinho à praia para curtir um dia tranquilo. Estava disposto a ler um pouco, ouvir música, cochilar sob uma sombra.

Não poderia imaginar que meu dia de relaxamento rapidamente se transformasse em um dia de total excitação, graças a uma morena sexy chamada Sara.

Na primeira vez que a vi, estava sob o chuveiro próximo à entrada de banhistas, retirando a areia do corpo. Não era difícil notá-la. Em um minúsculo biquini amarelo, tão pequeno que mal cobria seus seios arredondados e seu delicioso traseiro, destacava-se das mulheres próximas, tornando-as pálidas comparadas à sua exuberância.

Enquanto olhava esta maravilhosa gata mexendo-se sob os jatos d'água, fazendo do ato de lavar-se um grande show, percebi o alegre sorriso em seu rosto ao ver a quantidade de homens que a observavam. Ela monopolizou o chuveiro por mais um minuto, curtindo muito o fato de ser tão apreciada e em seguida desapareceu.



Fim do show, pensei, en-quanto pegava meu livro ten-tando ignorar a saliência que se formara à frente de minha sunga. Sara fez mais duas viagens ao chuveiro na hora seguinte, ambas desnecessárias, pelo que pude observar. Cada vez, como abelhas no mel, marmanjos ficavam à sua volta apreciando-a. Na segunda vez, sob a água, nossos olhares encontraram-se, mas a ignorei, sentindo uma satisfação perversa por transmitir indiferença aos seus charmes fisicos, mesmo tendo meu cacete desafiando a resistência de meu calção.

Devo ter cochilado, pois somente acordei quando um grande e macio objeto aterrisou em minha barriga. Abri os olhos e vi uma imensa bola de praia, colorida, afastando-se de mim.

— Ops! Sinto muito, falou uma macia voz feminina.

Olhei para cima quando Sara abaixava-se para pegar a bola, com seus seios quase saltando fora do biquini. Ela se manteve nesta posição, sorrindo amavelmente, esperando, eu tinha certeza, que eu dissesse algo sobre seus belos peitos. Eu não disse uma palavra. Sara então falou:

— Qual é o problema? Você não gosta de mim?

— Eu não a conheço, lembrei-lhe.

— Ah! Isto é facilmente remediável, ela falou, sentando-se ao meu lado, abraçando a bola contra seu peito.

Como se alguém a tivesse torturado, desembestou a falar de sua vida, todos os vinte e sete anos de existência. Entre outras coisas, aprendi que ela se formara em arte dramática. Orgulhosamente me disse que estava sendo considerada para uma apresentação de Calcutá.

— Você é uma grande exibicionista, disse eu quando Sara

parou de falar.

— É, acho que sou. Mas se você tem, mostre. É o que eu sempre digo.

Ela passou a me olhar pensativamente por um tempo e subitamente, com um dedo em minha barriga disse:

— Vamos lá. Por que você está se fazendo de tão desinteressado?

Ela olhou para minha ereção e murmurou:

— É óbvio que você quer fazer amor comigo.

Naquele momento alguém gritou seu nome e ela olhou para quem a chamava.

— Opa, tenho que ir, ela falou, levantando-se e segurando a bola.

— Seu namorado?, perguntei.

— Uh-huh, meu marido, Sara respondeu. Foi-se dizendo:

— Vejo-o mais tarde, prometo.

Já se aproximava o final da tarde e a praia estava praticamente deserta quando, inesperadamente surgiu Sara dizendo:

— Bom, aqui estou. Você está pronto para transarmos?

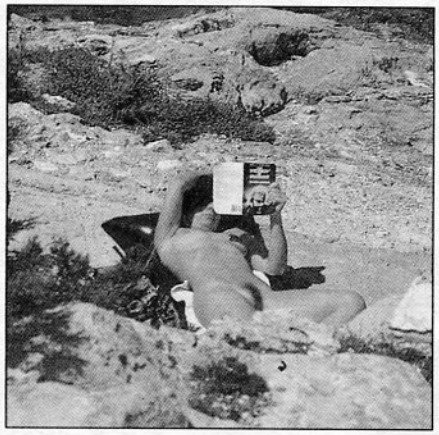
— E seu marido? perguntei, convencido de que estava num sonho muito louco, receoso de acordar.

— Não se preocupe com ele. Vamos trepar ou não?

Sem esperar pela resposta, Sara ajudou-me a ficar de pé. A próxima coisa que descobri é que ela estava me levando para uma parte deserta da praia.

— Conheço o lugar certo, ela me disse.

Em pouco tempo estávamos protegidos por uma grande duna. Certamente parecia seguro o suficiente, embora tivesse pouco tempo para pensar no assunto, pois Sara caiu de joelhos, abaixou meu calção de banho e começou a me chupar maravilhosamente. E como ela sabia fazer direitinho. Olhava-me de baixo, com sua boca repleta de meu cacete, com seus olhinhos brilhando de tesão. Passava a língua em minhas bolas enquanto que com



as pontas dos dedos acariciava minha glande. Em um dado momento, disse-me para foder sua boca, o que fiz, enquanto ela permanecia em sua pôsição submissa.

Após um tempo, deitei-me na areia, e enquanto me abaixava, com o canto dos olhos, vi uma pessoa escondendo-se atrás da duna. Será que era pura imaginação? Eu não tinha certeza. De qualquer maneira, minha atenção foi rapidamente atraída por Sara, que iniciou um striptease, retirando de seu corpo os poucos panos que o cobriam. Verdadeiramente ela era uma delícia.

Sobre meu corpo, Sara foi abaixando-se, encaixada em meu membro, introduzindo centímetro por centímetro, até que tivesse tudo dentro de si. Ela mexia-se feliz em cima de mim. Suas mãos apertavam seus seios e seus dedos beliscavam seus mamilos. Começou a agitar-se mais intensamente, sendo empalada por mim, gradualmente aumentando o ritmo de seus movimentos. Eu sentia o abraço de sua xoxotinha apertada em meu cacete.

Ficaria feliz em ter gozado nesta posição, com Sara martelando sua bocetinha contra meu pau, mas ela tinha outras idéias. Falando-me que ela queria ficar sob meu corpo, desencaixou-se de deitou-se de costas, colocando suas pernas sobre meus ombros, enquanto eu a penetrava profundamente.

— Isso, mais fundo, bem fundo, falava enquanto respirava aceleradamente. Gosto bem dentro, faça-me senti-lo lá no fundo.

Fiz o melhor possível. Prolonguei aquele prazer pelo máximo tempo possível, muitas vezes paralisando-me completamente para evitar o gozo. Mas, subitamente, não havia mais jeito e eu avisei Sara de que iria gozar.

— No meu rosto! Goze na minha cara.

Tirando de sua xaninha, apoiei-me sobre seus seios e não me contive. O sêmen começou a sair de meu cacete, atingindo sua boca, nariz e bochechas. Quando eu já estava quase terminando, Sara abocanhou meu pau e sugou as últimas gostas de meu creme, fazendo-me gemer de prazer. Finalmente, ela afastou sua boca de mim e, lambendo os lábios disse:

— Tinha certeza de que seria gostoso!

Deitei-me de costas na areia, ao lado de Sara, espreguiçando-me. Novamente avistei o sujeito escondido atrás da duna. Sentei-me rapidamente e gritei:

— Ei, você!, apontando para o indivíduo.

Sara, naquele momento, já estava em pé e, correndo de encontro àquela pessoa, gritou:

— Está tudo bem, é meu marido.

— Você está me dizendo que ele ficou nos observando todo esse tempo?

Sara fez um sinal afirmativo com a cabeça e me disse:

— Gosto de fazer meus shows para ele. Isto faz com que fique muito excitado. Você não ficou bravo comigo, não é?

E assim ela se afastou de mim e abraçou seu marido, provavelmente para contar-lhe os detalhes de nossa aventura. Sorrindo, me fez um sinal de adeus.

Alan, Caixa Postal 20.820, São Paulo, SP, CEP 01452-990.

QUE MULATA

Certo dia, em um fim de semana, minha noiva foi ao Rio de Janeiro visitar uns parentes e eu não quis ir, pois encontrava-me cansado do trabalho, e nós havíamos brigado também, mais um motivo para ficar. Como meus amigos já tinham programa para fazer, resolvi ir a um cinema perto de casa para assistir a um filme de sexo. Como a esperança é a última que morre, saí de casa com o objetivo de encontrar uma garota a fim de "dar uma", e fui preparado com camisinhas e muito tesão. Sei que nesse tipo de cinema é difícil encontrar garotas, mas fui. Era cedo e um filme de sacanagem não faz mal a ninguém. O cinema estava quase vazio, uns 20 ou 30 gatos pingados, e percebi ou imaginei ver uma garota sentada algumas fileiras à minha frente.

Seu cabelo era comprido e hoje em dia cabelo comprido é pouco referencial. Logo ela levantou-se e pude perceber que se tratava de uma boa garota, e melhor, sozinha! Não tive dúvidas, fui atrás. Logo percebi que tratava-se de uma mulata, muito discretamente vestida, mas me parecia do tipo "sargentelli" e não é todo dia que se encontra uma garota assim, sozinha e saindo de um cinema que exibia um filme de sexo explícito. Como chegar na garota? Fui atrás, é claro! Dois quarteirões depois, ela embarcou em uma estação do metrô e eu atrás, ela pegou o metrô na estação Ana Rosa. Ao entrar no trem posicionei-me de forma que ficasse próximo a ela. Como puxar papo? Para minha sorte na próxima estação, o trem parou por alguns minutos. Pronto, minha chance! Percebi que era meu dia de sorte. Fiz um comentário a respeito da demora e ela timidamente disse que isso a cha-teava também. Começamos a bater um papo rápido e perguntei-lhe o que tinha achado do filme. Ela então ficou surpresa e um pouco encabulada e disse que não tinha nada para fazer no momento, e sendo assim, convidei-a para descer na próxima estação para conversarmos mais um pouco, já que ambos não tínhamos o que fazer. Pasmem, ela topou! Ficamos em um barzinho conversando e percebi que ela já estava bem à vontade. Depois de duas ou três horas, resolvi dar a cartada final e convidei-a para tomar um champagne em um local mais reservado próximo dali. Pasmem outra vez! Ela topou.

Ao subir a escada do hotel, aliás na região existem alguns hoteis muito bons (Vila Mariana), como bom cavalheiro deixei que a dama fosse na frente e pude vislumbrar uma linda e maravilhosa bunda. Sou apaixonado por peitos grandes, mas essa bunda, ufa!

Pensei comigo: para dar conta de tudo isso teria que ter três metros de pau, mas como não sou muito dotado (mais ou menos 17cm), vamos nessa que na hora dá-se um jeito.

Chegamos no quarto e ficamos conversando e ouvindo música até que chegou o champagne. Tomamos um pouco e começamos a nos beijar.

A boca de "Carla" era quente e macia e à medida que beijava sua nuca, orelha e pescoço ela se arrepiava toda. Começamos a tirar nossa roupa e ela me lambia como a um picolé. Desabotoei sua camisa e vislumbrei um lindo e grande par de seios sustentados por um sutiã preto meia-taça que tirei com a boca enquanto lambia seu ombro e braços bem devagar. Ela gemia e parecia gostar muito, eu mordia os bicos por cima do sutiã e ela arrepiava, gemia, me chamava de gostoso, tesudo e pedia que mordesse mais forte. Meu pau quase explodia dentro da sunga. Fui descendo pelo seu ventre e passei a língua suavemente pela sua

bocetinha que estava fervendo e que já era visível, que estava toda molhada e exalava um delicioso perfume bocetal. Mordisquei de leve a boceta e desci pelas coxas até chegar no pé. Foi aí que a coisa ficou legal. A menina morria de tesão no pé, coisa como nunca vi antes. Comecei a lamber e chupar seus dedos, sola e peito do pé. A ga-rota parecia que ia ter um troço, ge-mia, gritava. Ao mesmo tempo co-mecei a passar a mão em sua xoxota, afastando a calcinha e massageando o clitóris, sentindo seu mel escorrer ao mesmo tempo que enfiava o dedo.

Começamos um gostoso 69 mas o tesão era tanto e ela chupava meu pau com tanta volúpia que gozei em seus peitões, esparramando esperma sobre eles.

Tomamos um banho e ela me disse que nunca ninguém havia mordido ou chupado seus pés, e que não sabia que tinha tanto tesão nos pés. Quando estávamos recuperados, comecei a derramar champagne no seu corpo e lambê-la enquanto ela fazia isso com meu pau. Voltei à carga em seus pés e ela novamente ficou louca. Virei-a de costas de vislumbrei aquela bundona que mordi e lambi por muito tempo.

Coloquei-a de quatro e lambia sua xoxota com sofreguidão, não queria que aquilo acabasse mais. Peguei meu pau, pra lá de duro, e comecei a pincelar a cabeça na porta daquela boceta úmida aberta em flor, colocava a cabeça e tirava e pincelava outra vez. Coloquei a cabeça e tirei várias vezes até que ela,num movimento rápido, atolou a boceta no meu pau empurrando a bunda na minha direção, quase que entrando "até as bolas". Após alguma estocadas, fui sentando para trás, e ela, sentando em cima do meu pau e virando-se para mim, começou a cavalgar meu caralho enquanto apertava seus peitos, que foda! Que foda! Depois dessa trepada pude perceber defini-tivamente que toda possibilidade deve ser explorada, pois nem todo mundo tem um pau de 25 cm, como alguns dizem ter. Gosto de descobrir seus segredos e, caso tenha algum ou fantasia a realizar escreva-me, mande foto e fone. Adoro peitos grandes.

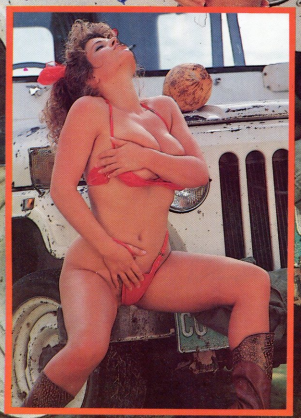
Sou claro, olhos verdes, 1,83 m, 75 kg, 34 anos, casado, formação universitária, micro-empresário, discreto, higiênico, bonito, ex-modelo de TV e carinhoso.

Ivan, Caixa Postal 6.893, São Paulo, SP, CEP 01064-970.

(continua na pagina 74)

LILIANE

O corpo se oferece gentilmente,
enquanto a água de côco desliza
por sua pele sedosa
como se fosse o sêmen do amor



CC 673H

NATASCHA
Formas perfeitas, olhar ousado
e o desejo ardente de fazer sexo!
Você se habilitaria?

A PRIMEIRA NOITE DE UM ESCRAVO

Encontrei Felipe em São Paulo. Ambos tínhamos ido à capital para a reunião mensal do Clube de SM. Era sua primeira visita ao clube e sua estréia no mundo real da dominação. Felipe é um bem-sucedido empresário paranaense, alto, louro, descendente de estrangeiros, um homem bonito, já entrando nos seus 40 anos. Vestia, para minha surpresa, terno e gravata. Impecáveis. Eu, como sempre, com minhas roupas de couro preto e minha inseparável bolsa com meus "brinquedinhos". Dominei Felipe no primeiro olhar. Em plena reunião, ordenei que se ajoelhasse aos meus pés e permanecesse de cabeça baixa o tempo todo. A reunião durou umas 5 horas. Papo interessantíssimo. Éramos ao todo 7 pessoas: cinco homens, eu e uma outra mulher, esta uma autêntica masoquista. Durante as cinco horas Felipe permaneceu ajoelhado, submisso e humilhado na frente de todos. Ao término do encontro, ordenei-lhe com voz firme:

— Amanhã pontualmente ao meio-dia você deve me ligar, se tem esperança de me ver de novo e conhecer a força do meu chicote.

Entreguei-lhe o cartão do hotel onde estava hospedada e retirei-me com altivez. Na porta ainda olhei para Felipe. Ele permanecia ajoelhado, com a cabeça baixa. Na porta da boate onde nos reunimos meu escravo-motorista já aguardava com a porta do carro aberta. Sentei no banco de trás e ordenei que fosse direto ao hotel. Estava cansada e precisava de uma ducha.

Já era tarde quando entramos na suíte. Adoro São Paulo pelo luxo e conforto de seus hotéis. Enquanto me despia, meu escravo-motorista preparava o banho. Abriu as torneiras até a temperatura da água ficar no ponto, colocou o tapete no piso e assumiu sua postura submissa dando a entender que o banho estava preparado. Entrei no box e senti suas mãos obedientes iniciarem a massagem de espuma. O escravo já estava despido. Ele sabe que, dentro de qualquer ambiente reservado, não pode usar nenhuma peça de roupa, com exceção, é claro, de sua coleira de cachorro, que não tira nunca. Meu escravo-motorista é jovem e extremamente bonito. Tem um corpo escultural. É obrigado a se manter em forma, fazendo ginástica todos os dias.

Não permito que conserve nenhum pêlo em seu corpo, a não ser na cabeça. Suas mãos foram treinadas para deslizar de uma forma extremamente sensual sobre minha delicada pele. Às vezes uma massagem dura até mais de uma hora. Nesse dia, porém, estava cansada, pois tinha viajado do Rio a São Paulo e a reunião tinha sido um pouco longa demais para o meu gosto. O banho seria a transição entre um dia cansativo e uma noite de relax naquele maravilhoso hotel. Após a massagem, fui novamente ensaboada. Deixei que a torrente de água deslizasse por todo o meu corpo e que a espuma fosse se desfazendo de forma suave.

Ordenei-lhe que fechasse a água e ele, bem treinado, já sabia o que fazer a seguir. Pegou uma felpuda toalha branca com as iniciais do hotel bordadas em rosa e enxugou-me demorada e carinhosamente.

Começou pelos meus cabelos louros. Desceu lentamente pelos ombros, costa, peito e quadris. Sei o quanto meu escravo fica excitado e ansioso quando enxuga minhas partes íntimas. De propósito, às vezes ordeno que se demore mais do que o necessário na minha região pubiana. Ele não pode, sob hipótese alguma, tocá-la com as mãos. Deve fazê-lo somente com a toalha, sem nenhum contato físico. Sua mão estremecia. Isso me dava um prazer enorme.

Enxugou-me completamente, sem esquecer os pés. Dedinho por dedinho. Trouxe meu [illegible] e conduziu-me até a enorme cama de casal.

Os lençóis já estavam afastados. Deitei-me languidamente, ordenando-lhe que deixasse acesa apenas a luz do abajur. Fiz um sinal que ele entendeu perfeitamente: deveria tomar seu banho e ajoelhar-se aos pés da cama. Ali, como fazia todas as noites há vários anos, acariciaria com suas mãos delicadas meus perfumados pezinhos, até o sono tomar conta de meu cheiroso corpo.

Às 10 horas da manhã, acordei com os raios de sol entrando pela vidraça. O café da manhã já estava servido e do bule de porcelana uma fumaça cheirosa me ligava à realidade do novo dia.

(continuação da pagina 14)

Enquanto realizava minha primeira refeição, o escravo lia o jornal em voz alta para me atualizar. Adoro tomar o café da manhã na cama. Às 11 horas comecei a me preparar para o encontro com Felipe. Minha roupa de couro preferida já estava sobre a poltrona. As roupas íntimas estavam na mão do escravo-motorista: calcinha, sutiã e meias de seda preta. Sentei na poltrona e fui sendo vestida. Aproveitei, quando ele estava colocando minha calcinha, para acariciar minha área pubiana e entreabrir delicadamente os grandes lábios de minha gruta do prazer.

Os olhos do escravo arregalaram de desejo. Ele sabia que aquela visão seria o máximo que poderia ter de intimidade comigo. Divertia-me sempre com seus olhos gulosos e carentes. Terminada a colocação das três peças íntimas, levantei-me da poltrona e coloquei as roupas e botas de couro. Escolhi para esse dia especial um par de botas de salto alto e fino.

Fui ao banheiro para ser maquiada e penteada. Um descuido do escravo fez com que o pente raspasse de leve em uma das minhas orelhas. Olhei zangada e apertei com força seu mamilo direito. O escravo encolheu-se com dor. Não reclamou. Não era permitido. Terminado o serviço, apanhei minha bolsa de couro preta onde carrego meus apetrechos e retirei uma fina correia de couro curtido. Meu escravo já sabia o que lhe estava reservado. Aproximou-se e ofereceu seus genitais para o castigo. Coloquei a correia ao redor da sua pica e do seu saco e apertei com toda a força. Dei três nós que só eu mesma conseguiria desfazer. Seu rosto ficou crispado de dor. Ele sabia que deveria permanecer com aquele instrumento de suplício até o meu retorno. Deveria ficar ajoelhado no quarto, despido, sem se alimentar nem poder ir ao banheiro, mesmo quando a arrumadeira viesse para ajeitar o quarto. Era a humilhação suprema. O telefone tocou. Olhei para o relógio e conferi: meio-dia em ponto. Devia ser Felipe. Atendi e ordenei:

— Venha apanhar-me na porta do hotel dentro de meia hora, você na direção do carro. De terno, gravata e descalço. Abra a porta do carro e me aguarde em pé ao lado da porta do motorista. Desliguei sem lhe dar tempo de qualquer contestação. Dei as últimas ordens ao escravo, coloquei pelo lado de fora da porta do quarto o aviso para a camareira arrumá-lo e fechei a porta. Desci pelo luxuoso elevador revestido de espelhos. Estava linda. Como sempre.

Às 12h30 dirigi-me para a calçada e vi o carro com aquele bizarro motorista de pés descalços. O porteiro do hotel olhava para ele sem entender direito o que estava acontecendo.

Entrei no carro e sentei no banco de trás. Mandei o motorista conduzir-me ao mais discreto motel de São Paulo. Enquanto nos dirigíamos ao motel, mandei que Felipe falasse de suas fantasias sexuais:

— Desde adolescente sonho ser dominado por uma mulher forte e impiedosa, que me castigue, me humilhe e comande todos os meus atos. Lá em Curitiba dirijo uma empresa tradicional. Passo o dia todo dando ordens aos meus funcionários e funcionárias. No fundo, mesmo, gostaria de ser um deles e ter que obedecer a uma chefe mandona e má. Infelizmente até hoje me considero virgem em sadomasoquismo. Nenhuma mulher entendeu esse meu desejo. Tudo o que pratiquei foi masturbação lendo revista e assistindo vídeos com histórias de sadomasoquismo. Estou muito carente. Gostaria que minha senhora descarregasse sobre mim toda a sua fúria. Que não tivesse dó nem piedade. Que me mandasse fazer tudo aquilo que tivesse vontade. Que me batesse em qualquer lugar do meu corpo, por mais sensível que seja.

À medida que Felipe ia relatando seus desejos, sentia um calor de excitação tomar conta de meu corpo. Minhas coxas já estavam recebendo o néctar de minha

vagina. Era prazer puro. Continuei escutando sua confissão até chegarmos ao motel. Fomos para uma linda suíte com piscina térmica. Mandei que Felipe tirasse toda a roupa e tomasse uma banho completo. Era lindo ver aquele homenzarrão obedecer minhas ordens sem pestanejar. Felipe tirou toda a roupa. Enquanto tomava banho pude contemplar minha mercadoria. Ombros largos, tórax de atleta, poucos pêlos na pele alva. Uma pica proporcional para o seu corpo e um saco enorme com duas bolas também grandes. "Bom", pensei, "excelente lugar para uma chicotada."

Terminado o banho, mandei que Felipe se enxugasse e deitasse de bunda para cima, na cama. Ele obedeceu sem pestanejar. Seu pau ia ficando ereto. Retirei da bolsa quatro pedaços de corda de algodão branco macio, próprios para amarrar punhos e tornozelos, resistentes e seguros. Amarrei-o de braços e pernas bem abertos, para expor bem sua parte posteiror. Tirei da bolsa meu chicote de couro preto curtido pelo suor de meus escravos e falei para o novo escravo:

— Você irá receber 50 chicotadas nas costas, na bunda e na parte posterior das coxas. A cada chicotada, não poderá gritar nem gemer. Pelo contrário, deverá contá-las e agradecer pelo privilégio de estar sendo castigado por sua Rainha. Se errar na contagem, receberá o dobro do castigo. Se gritar ou gemer, nunca mais poderá me ver. Levantei o braço e baixei com toda a força. Felipe grunhiu entre os dentes:

— Uma. Obrigado, Rainha.

Cada série de dez era aplicada em uma região diferente. As primeiras foram nas costas. A sucessão dos golpes ia transformando sua pele alva em rosada e vermelha. Os vergões iam se sucedendo. A cada nova série uma outra região ia sendo fustigada pelas tiras impiedosas do chicote. A parte mais sensível é a das coxas. Sei disso pela minha longa experiência. Deixo as coxas para o final, quando o escravo já está extenuado.

Desta vez, contudo, reservava uma pequena surpresa para Felipe. Ao invés de dar as 50 chicotadas, dei 45, reservando as últimas cinco para o "gran finale". Com minhas mãos fortes, enfiei os dedos entre suas pernas e puxei com força, para baixo e para trás, aquele sacão enorme, expondo-o entre as coxas avermelhadas de tanto apanhar. Sussurrei em seu ouvido:

— O escravo suportou bem a primeira parte do castigo. Vamos ver se aguenta agora as últimas cinco chicotadas. Sabe onde serão? Diretas no seu saco, escravo safado. Se gritar, arrebento seus ovos. Prepare-se para o castigo supremo. Feito isso, aceitei em cheio a primeira das cinco chicotadas. Um tremor intenso percorreu aquele belo corpo. As bolas se encolheram, como que adivinhando o que viria a seguir. Puxei-as de novo para baixo, desta vez com mais força. Falei, autoritária:

— Desta vez é você que irá ordenar o seu próprio tormento. Vamos, escravo. Implore à sua Rainha para receber o castigo supremo.

Felipe, com voz trêmula, balbuciou:

— Por favor, minha Rainha, chicoteie meus ovos.

Que delícia de ordem. Baixei de novo a mão, desta vez visando apenas um dos ovos. Dói mais. O impacto produziu um estranho ruído e o saco ficou com uma bela coloração rosada. A terceira chicotada foi no outro ovo. Para a quarta e a quinta preparei nova surpresa. Puxei para trás a pica do escravo e expus, além do saco, a cabeça do pau. Dei duas rápidas e intensas chicotadas.

Felipe estremeceu de dor e, para minha surpresa, da ponta da pica começou a sair uma enorme quantidade de porra, em jatos contínuos. Aí estava um autêntico masoquista. Conseguia obter prazer no mais atroz dos castigos.

Esse era dos bons. Esperei que Felipe parasse de tremer. Desamarrei-o. Obriguei-o a me chupar. Estava excitadíssima. Era fantástico dispor de um homem tão forte e bonito, podendo infligir os mais cruéis tormentos. E ainda receber agradecimento. Enquanto Felipe me inundava de prazer com sua língua palpitante, passava minhas mãos por suas costas, sentindo com as pontas de meus dedos as marcas que o chicote tinha deixado. Sabia que em uma semana, no máximo, as marcas teriam desaparecido. Mas a expressão de prazer e dor que Felipe estampava em seu rosto de menino, essa eu não esqueceria jamais. Gozei prolongadamente.

Relaxei na piscina da suíte e mandei que me conduzisse de volta ao hotel, no centro de São Paulo. Antes de retornar para o Rio, no dia seguinte, queria conhecer alguns novos equipamentos importados. Só existiam em São Paulo ou no Exterior. Mais prático adquirí-los em São Paulo. Felipe dirigia lentamente no retorno ao meu hotel. Seu rosto estava sereno. Só nós dois sabíamos que por baixo daquelas roupas elegantes se encontrava uma pele cheia de vergões e equimoses. E que entre suas pernas repousavam uma pica e um saco inchados de tanto apanhar. Sorte ou azar do meu escravo-motorista. Quando não realizava minhas fantasias sádicas com novos escravos, o recurso era apelar para o material humano mais à mão. Nesse dia, saciada, não precisaria descarregar minha agressividade no fiel e submisso escravo-motorista.

No dia seguinte, quem sabe...

Sarah Domina, Caixa Postal 11.536, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22022-970.